

BIOMODA UTILIZANDO A FIBRA NATURAL DA BANANEIRA: REVISITAÇÃO DA PESQUISA

Biomodelling using natural banana fiber: revisiting the research

Farias, Monica Rodrigues de; Me; Universidade Estadual de Santa Catarina/UDESC,
rodriguesdefarias.monica@gmail.com¹

Resumo: O segmento “moda” foi o escolhido por ser o primeiro contato com estudos voltados a esse campo da arte, a nível acadêmico, e por ser a memória afetiva com esse universo desde a infância (ofício da matriarca da família). A pesquisa objetivou levantar fontes concretas sobre a “Biomoda” (moda com sustentabilidade). Partiu-se para a pesquisa bibliográfica e de campo na comunidade de Mojó/MA. A etapa final consiste na criação de um projeto prático/artístico oriundo de análises imagéticas e teóricas, e a sua execução materializada.

Palavras-chave: Moda; sustentabilidade; fibra natural da bananeira.

Abstract: The "fashion" segment was chosen for being the first contact with studies on this field of art, at an academic level, and for being the affective memory with this universe since childhood (the family matriarch's craft). The research aimed to raise concrete sources about "Biomoda" (fashion with sustainability). It started with bibliographic and field research in the community of Mojó/MA. The final stage consists in the creation of a practical/artistic project derived from imagetic and theoretical analyses, and its materialized execution.

Keywords: Fashion; sustainability; natural banana fiber.

Revisitando a pesquisa biomoda

A busca de novas possibilidades de materiais para a construção de vestuário desembocou na vertente da sustentabilidade – tendência contemporânea que abraça a proposta do ecologicamente correto.

A fibra de bananeira foi a materialidade escolhida para essa proposta de criação em moda como proposta prática do TCC, pela proximidade da pesquisadora/autora deste trabalho com ONG Arte Mojó – que como o nome indica, é uma Organização Não Governamental localizada na Comunidade de Mojó, em Paço do Lumiar – Maranhão, um coletivo de mulheres e com a liderança da artista e arte/educadora Graça Soares Araújo.

¹ Atualmente doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Artes-Visuais/PPGAV pela Universidade Estadual de Santa Catarina/UDESC. Mestre em Artes pelo Programa de Mestrado Profissional em Artes da UDESC – PROF-ARTES//Universidade Federal do Maranhão/UFMA. Especialista em Artes Visuais: cultura e criação pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Rede de Educação à distância do SENAC. Licenciada em Educação Artística – Hab. Artes Plásticas pela UFMA.

Os caminhos até chegar à proposta da peça piloto confeccionada com a fibra natural da bananeira, perpassaram pelos estudos iniciais de modelos célebres da história da moda e a influência dos movimentos artísticos, sociais e políticos na reinterpretação em vestuários.

Da necessidade de finalizar os estudos da Especialização Artes Visuais: Cultura & Criação, ofertada pelo Serviço Nacional do Comércio em 2008-2009, na cidade de São Luís, em que, entre as expressões estudadas: desenho, pintura, escultura, fotografia, arquitetura, design, instalação e moda, essa última instigou o desejo de aprofundamento para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que se concretizou na monografia Biomoda: uma moda sustentável utilizando a fibra natural da bananeira (FARIAS, 2009).

Importante frisar que a intenção dessa pesquisa foi estudar durante o processo alguns momentos da história da moda, a sustentabilidade na moda e possibilidades do contexto ambiental local na economia criativa do universo da moda, elementos que juntos, podem acrescentar conceitos de inovação na cadeia produtiva do segmento.

Iniciaremos com o levantamento de alguns recortes da história da moda que pontuaram a criação dos croquis, de onde surgiu a proposta do *tailleur* de fibra de bananeira. A concepção de sustentabilidade e alguns exemplos já dentro do conceito da Biomoda.

A experiência e a importância do estilista Chico Coimbra, que fez sucesso com sua proposta inovadora de uso de outra fibra da flora maranhense na sua criação, a fibra do buriti. A época da realização desta pesquisa, esse artista colaborou genuinamente com fontes e entrevista *online*, e hoje, *in memoriam*, é importante homenageá-lo pelo seu pioneirismo criativo.

O registro do contato com a ONG Arte Mojó à confecção do *tailleur* de fibra de bananeira, e as reverberações sobre esse trabalho, treze anos depois.

Alinhando histórias da moda

Segundo Palomino, a moda “é um sistema que acompanha o vestuário e o tempo que integra o simples uso das roupas no dia a dia a um contexto maior, político, social, sociológico” (2003, p. 14).

A capa que recobre o corpo humano recebe o nome de roupa, que para além da proteção do mesmo – princípio inicial surgido na Pré-história, com o transcorrer da história, passou a agregar outras significações intrínsecas impostas e simbolizadas pelo traje.

A palavra “Moda” vem do latim *modus*, que significa “modo”, “maneira”. Já em inglês, moda é “*fashion*”, corruptela do francês “*façon*”, que também quer dizer “maneira”.

Charberlly, afirma que segundo o texto de Georg Simmel, “a moda serviu a uma busca pela distinção individual na sociedade moderna urbana (...) funcionou também como forma aplicada ao racionalismo produtivo, produzindo e reproduzindo identidades e hierarquias pela aparência (...)” (2008, p. 15).

Na Pré-história usavam-se peles de animais para proteger-se das adversidades climáticas, na Antiguidade, a lã já era matéria-prima na confecção de vestimentas dos povos assírios, que eram relativamente nômades. Já os egípcios, sedentários e moradores das margens do Rio Nilo, usavam a fibra de linho, cultivada nas terras naturalmente irrigadas.

No século XVI, corpetes com barbatanas de madeira, anáguas de arcos de arame, barbatanas de baleia, são algumas das invenções do vestuário feminino no período Elizabetano. Já na Revolução Francesa, a busca pela simplicidade, trouxe vestidos longos até os pés, cintura alta, geralmente brancos e com tecidos finos – lembrando camisolas.

No século XIX, os torturantes espartilhos de ferros e molas, e depois veio a criolina – uma espécie de gaiola que substituía toneladas de anáguas. Essa foi substituída pela anquinha – armação menor que valorizava a parte de trás do vestido.

No final do século XIX, os movimentos feministas tornaram-se mais vigorosos; as mulheres de todas as classes sociais reivindicaram melhor instrução, e no domínio da moda elas também lutam por novos direitos: querem uma reforma do vestuário feminino e, mais precisamente, o fim do espartilho (MOUTINHO; VALENÇA, 2000, p. 14).

O século XX, com o advento do crescimento dos meios de comunicação de massa: jornais, revistas, cinema e televisão, a indústria da moda chega a um número maior de pessoas, e essa indústria passa a produzir também, em larga escala. É no século XX que os costureiros passam a ter status de artistas na França. A moda do Pós-guerra precisou se ajustar ao novo mundo. É o momento da ascensão de estilistas mulheres, como Coco Chanel e Madeleine Vionnet. A costura, pela ausência masculina do período de guerra se torna um campo feminino, e nunca mais deixou de fazer parte, até os dias atuais.

Coco Chanel, estilista da moda da mulher ativa dos anos 20, será revistada pela releitura de sua criação icônica – o *tailleur* de fibra de bananeira, exercício criativo para uma moda sustentável com fibras disponíveis na flora maranhense.

Sustentabilidade na moda: da fibra ao tecido

A tecedura de materiais naturais é uma prática imemorial, em que a lã, a fibra de linho, o algodão, pode-se dizer que são fibras pioneiras na confecção de tecidos. Com o contínuo da história, materiais sintéticos passaram a ser investigados e adotados também na indústria da moda.

Na contemporaneidade, a sustentabilidade é uma necessidade para além do conceito politicamente correto, por conta da apropriação de matéria-prima renovável e de baixo ou nenhum impacto ambiental. A sustentabilidade, portanto vem a ser:

Um conceito sistêmico, relacionado com a continuidade dos aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais da sociedade humana. Propõe-se a ser um meio de configurar a civilização e atividades humanas, de tal forma que a sociedade, os seus membros e as suas economias possam preencher suas necessidades e expressar o seu potencial no presente, e ao mesmo tempo preservar a biodiversidade e os ecossistemas naturais, planejando e agindo de forma a atingir a pró-eficiência na manutenção indefinida desses ideais (PORTAL DA SUSTENTABILIDADE, 2007).

Uma moda sustentável deve ser: economicamente viável, socialmente justa e ambientalmente correta. É necessário buscar novas matérias-primas alternativas e renováveis. Pode-se acrescentar a cultura da sustentabilidade na moda, a volta dos brechós, em crescimento visível na sociedade presente, que pelo reaproveitamento de vestuários usados, mas em bom estado de uso ainda, evita o desperdício e o aumento de descarte de roupas nos lixões do planeta, gerando o que se nomeia “economia criativa”.

A indústria têxtil está entre as quatro que mais consomem recursos naturais, de acordo com a *Environmental Protection Agency*, órgão americano que monitora a emissão de poluentes no mundo. Essa preocupação dos estilistas com materiais ecologicamente corretos advém da pesquisa de comportamento que demonstram que os consumidores começam a preferir “a moda que não agredi o planeta” (PORTAL DA SUSTENTABILIDADE, 2007).

Podemos elencar rapidamente, alguns dos Eco-materiais utilizados comumente pela indústria da moda:

- Juta – com aparência semelhante à do linho, é biodegradável, seu cultivo não há necessidade de agrotóxicos;
- Garrafas Pet – o plástico reciclado é transformado em fibras que produzem um tecido forte, mas macio. Podem ser combinadas com algodão;
- Fibra de Bambu – planta de crescimento rápido, altamente renovável. Sem uso de pesticidas e fertilizantes, naturalmente antibacteriana, biodegradável e macia;
- Algodão Orgânico – É cultivado sem o uso de pesticidas, fertilizantes químicos e reguladores de crescimento;
- Couro de peixe – principalmente a Tilápia (peixe da água doce). É retirado o couro e colocado para curtir.

Assim, a fibra do buriti, utilizada pelo estilista maranhense Chico Coimbra e a proposta da fibra da bananeira como possibilidade de biomoda são fibras da flora maranhense a serem apresentadas a seguir.

De Chico Coimbra a Arte Mojó: biomoda maranhense

O Buritizeiro é uma árvore nativa do estado do Maranhão, e o saudoso Chico Coimbra, estilista maranhense, consagrou na proposta de inserir em suas criações a fibra do buriti.

Em entrevista (por e-mail) com o estilista, à época da realização dessa pesquisa, ele falou de sua mostra conceitual resultante da sua pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, com o tema “Moda, diversidade e cultura – Frutos da Terra – uma mostra singular plural”, pelo curso superior de Moda e Estilo do UNICEUMA. Nesse trabalho, Chico Coimbra resgata e coloca em pauta a importância da parceria entre o designer de moda e o artesão. Seu conceito principal nessa coleção foi a fibra do buriti.

Segundo o estilista, o propósito maior desse trabalho era fomentar novos mercados para produtos artesanais, respeitando a cultura de cada local e a criatividade de seus profissionais, a sustentabilidade, a proteção do meio ambiente e para valorização das cadeias produtivas – a diversidade. Disse, Chico Coimbra:

É preciso apostar na nossa diversidade e lucrar com ela. Se o Brasil agora está sendo reconhecido pelo mundo como modelo de produção de biocombustível com etanol da cana de açúcar. O Maranhão em breve também poderia revelar ao mundo um novo tecido a partir da fibra de buriti. (AGÊNCIA SEBRAE DE NOTÍCIAS, 2008).

A influência de Chico Coimbra e sua percepção do uso da fibra do buriti na moda sustentável, associado ao conhecimento da ONG Arte Mojó e o trabalho já desenvolvido por esse coletivo de mulheres no campo da artesanaria, a concepção de criar uma proposta com a fibra de bananeira como biomoda foi se formando.

A bananeira é uma das plantas mais populares do Brasil. É valorizada praticamente só pelo fruto que dá. Mas, além de frutos, a bananeira também pode se transformar em peças de artesanato originais e criativas (DEFENDER, 2009).

As fibras são oriundas das cascas, que são chamadas bainhas e ficam superpostas formando o tronco. Em termos técnicos, é chamado pseudocaule, por se tratar de uma parte da folha. Devem ser expostas para secar ao sol e em teares manuais as fibras ganham formato de tecido (manta). O processo produtivo se inicia com a colheita, que aproveita o tronco normalmente deixado no chão após a extração do cacho da bananeira. Desse tronco formado por camadas (capas) se extrai no mínimo cinco tipos de fibras diferentes, das mais ásperas até texturas mais finas e delicadas. Depois dessa etapa, é a hora de começar o processo de protegê-lo contra fungos e a secagem. O ciclo completo leva mais de três dias, para então ter início o trabalho de artesanato.

A fibra da bananeira já era um trabalho de referência no povoado de Mojó, município de Paço do Lumiar – MA, onde uma cooperativa de artesãs trabalha com essa matéria-prima.

Apesar de, na época não ter conhecimento de nenhuma proposta de uso da fibra de bananeira na moda sustentável, por aproximação com a ONG e com a pesquisa monográfica da arte/educadora Graça Soares Araújo “As fibras naturais no processo criativo da Arte/educação” (1997), essa foi a ideia concebida para o trabalho prático de conclusão de curso – o tailleur de fibra de bananeira.

Entre vários croquis à mão livre e em aquarela S/Canson, realizados para a Coleção Biomoda, sampleados de modelos icônicos da história da moda, o selecionado para a atividade prática foi o clássico Tailleur de Coco Chanel - projeto piloto de roupa com fibra de bananeira.



Fonte: Revista Manequim, Dec. 90

Fonte: Farias, 2009

O processo de corte e costura foi entregue aos cuidados do estilista Urbano Alves. A manta de fibra de bananeira foi entregue, juntamente com o croqui do tailleur e os aviamentos de fibra de buriti, e botões de coco babaçu e o forro da roupa, um tecido de algodão cru.

Figura 3: Manta de fibra de bananeira

Figura 4: Tailleur de fibra de bananeira



Fonte: Farias (2009)



Fonte: Farias (2009)

Como projeto piloto que foi, pode-se analisar a viabilidade do trabalho, e resumindo o grau de dificuldade do trabalho, ao cortar a fibra, teve que simultaneamente ir alinhavando, pois a fibra se soltava

de sua estrutura original, tecida na máquina de fiar; não pode ser uma roupa para uso diário, visto a impossibilidade de lavagem, é um trabalho de origem conceitual, que precisa de maior aprofundamento e estudos, para quem sabe, ser uma alternativa futura para a moda sustentável.

Corte e costura: Considerações Finais

Revisitar a pesquisa Biomoda, foi levantar questões ainda muito pertinentes em se tratando de sustentabilidade na moda. O “bio” de origem grega, que significa vida, ampliam-se para além do sentido estrito do termo. Nunca foi tão importante ressignificar esses conceitos.

Aventurar-se pelo segmento da moda – quando se é graduada em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas, e nunca ter estudado moda até então, foi realmente um grande desafio, que se expande para a criação de um protótipo pensado a partir do samplear da icônica obra de Coco Chanel, associado a nunca usada matéria-prima na confecção de roupa – a fibra de bananeira.

Cabe informar que esse trabalho prático foi entregue a coordenação da especialização do SENAC, para fazer parte do acervo da instituição, assim como o TCC.

O objetivo desta pesquisa não foi ser inventora e patentear a descoberta, mas experimentar as possibilidades, sair do lugar comum do uso dessa fibra, ousar ir em outros fazeres, o design da moda sustentável, conceitual. O ato fabril demonstrou algumas impossibilidades práticas a curto prazo, mas acredita-se que, para a ciência e tecnologia que investiga novas possibilidades de materialidades na biomoda, esse ainda pode ser um campo em expansão, e de baixo custo e impacto para o planeta.

Poder lembrar a figura inovadora de Chico Coimbra, uma personalidade da cultura do estado do Maranhão, e seu legado na moda, para além da gentileza como fonte de dados, foi uma grata saudade e uma referência necessária.

Caminhos da moda, fazeres contemporâneos, revisitação em contínuo, assim é a essência da pesquisa, que tem a singeleza de apontar possibilidades e pensar no amanhã.

Referências

AGÊNCIA SEBRAE DE NOTÍCIAS. O Estado do Maranhão. **Saiu na imprensa**. São Luís, 2008. Disponível em: <<http://asn.interjornal.com.br>>. Acesso em: 20 de maio 2009.



5º Seminário
CAMINHOS DO CONTEMPORÂNEO
2022



ARAUJO, Graça Maria Soares. **As fibras naturais no processo criativo da arte-educação**. Monografia. São Luís, 1997.

CHARBELLY, Estrella. **Moda e arte: atravessamentos, influências e rupturas**. Artes visuais: cultura & criação. SENAC, 2008.

DEFENDER. **Artesanato de fibra de bananeira**. Disponível em: <<http://www.defender.org.br/artesanato-de-fibra-da-bananeira>>. Acesso em: 03 de jun. 2009.

FARIAS, Monica Rodrigues de. **Biomoda: uma moda sustentável utilizando a fibra natural da bananeira**. TCC Especialização em Artes Visuais – SENAC: São Luís, 2009.

MOUTINHO, Maria Rita; VALENÇA, Máslova Teixeira. **A moda no século XX**. SENAC.DN. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2000. II. 320p.

PALOMINO, Erika. **A Moda**. 2 ed. São Paulo: Publifolha, 2003.

PORTAL DA SUSTENTABILIDADE. 2007. Disponível em: <<http://www.sustentabilidade.org.br>>. Acesso em: 20 de maio. 2009.